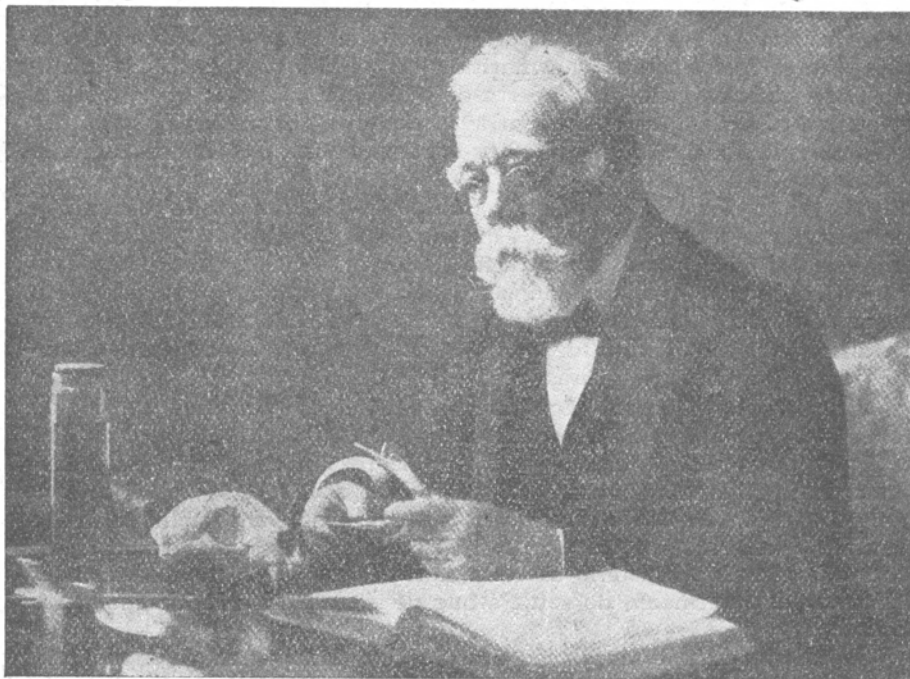


## DR. HERMANN VON IHERING

A 9 de Outubro de 1850, nascia em Giessen, na Alemanha, o Dr. HERMANN VON IHERING que, trinta anos mais tarde, deveria vir para o Brasil a fim de inaugurar, entre nós, uma fase áurea para os estudos de História Natural. Com tanto desvelo e proficiência se houve nesse mistér que a disciplina da qual era um verdadeiro mestre, implantou-se, definitiva e solidamente nos meios científicos do nosso País.



Doutor em filosofia, por vocação natural, formou-se o Dr. IHERING, em medicina, atêndendo a um desejo paterno. Sua tése, defendida em 1876, na Universidade de Erlangen, versou sôbre a “Significação do aparelho auditivo dos Molluscos, tendo-se em vista a sua classificação natural”.

Zoólogo por excelência, concorreu à cátedra respectiva da mesma Universidade, com o trabalho “Anatomia comparada do sistema nervoso dos moluscos”, monografia apresentada em 1877.

Já em 1890, sua produção era apreciável, contando o jovem cientista com uma bagagem notavel, na qual figuravam cêrca de quarenta memórias e numerosos artigos dos quais a metade versava sôbre assuntos malacológicos.

Atraído pelo nosso clima tropical e seduzido pelas maravilhas referidas por Fritz Müller a respeito do Brasil, para cá se dirigiu e, após curta permanência na Capital, fixou-se no R. G. do Sul, erigindo pitoresca vivenda em uma ilha situada na fóz do rio Camaquã.

Tal como acontecera no seu país de origem, aquêlê homem que a todos surpreendia pela sua extraordinária robustez física trabalhava e produzia febrilmente, encantado pela exuberância da nossa flora, fascinado pela variedade da nossa fauna.

Em 1892, Cezario Mota foi buscá-lo para organizar um Museu de História Natural, em S. Paulo. Confiaram-lhe o acêrvo do Museu Sertório que funcionava anexo à Comissão Geográfica e Geológica, *cellula mater* do Museu Paulista, franqueado ao público em 1895.

Dessa época até o ano de 1916, o grande naturalista dedicou-se inteiramente ao desenvolvimento da organização que soube dirigir com alma e coração. Ampliou-lhe as coleções, firmou-lhe solidamente a reputação no exterior, imprimindo-lhe vigoroso cunho científico. Ao lado de Garbe, Lutz, Loefgren, Derby, Bicego, Pinder e tantos outros, criou período dos mais fecundos para as Ciências Naturais, no nosso País.

Discípulo eminente de Virchow, seguiu as pegadas de Claus e de Leuckart. Em 1911 dizia — “Aqui no Brasil, onde vivo desde o ano de 1880, liguei novamente atenção a assuntos de antropologia e etnologia, procurando antes de tudo por os nossos conhecimentos sôbre os indígenas atuais em relação com os achados arqueológicos e com as informações contidas na literatura antiga”. Disse mais: “Ocupei-me particularmente da biologia dos insetos e, entre eles, de preferência, com a vida dos Himenopteros sociais e também da entomologia econômica cujo estudo introduzi no Brasil”.

Assim, com mão de mestre, dominou inúmeros setôres científicos, tendo tido ocasião de demonstrar a pujança do seu grande saber.

Além das publicações inseridas na Revista do Museu Paulista, colaborava concomitantemente em cêrca de 24 periódicos nacionais e estrangeiros. Assim, trabalhou incessantemente até quasi os 80 anos, sacrificando os seus interesses particulares em pról do trabalho intelectual, aliás proficientíssimo.

Deixando a direção do Museu Paulista, a 16 de Agosto de 1916, com rápida passagem por Santa Catarina e, depois, pela Argentina, rumou para a Alemanha, fixando residencia na pequena cidade de Buedingen, onde veio a falecer a 26 de Fevereiro de 1930.

A seu respeito, disse o nosso saudoso Franco da Rocha: “Von Ihering não era um homem desses que desaparecem todos os dias, sem que façam grande falta, a não ser para os seus íntimos. Êle trabalhou muito e o resultado dêsse trabalho aí está nos livros e revistas científicas em que colaborou”.

Fornecendo-nos alguns dados biográficos, diz-nos o seu ilustre filho, Dr. Rodolpho von Ihering, no encantador livrinho “Contos... de um

Naturalista”, publicado em 1924: “Possa o velho naturalista perceber ainda, algum dia, que os filhos do país que êle adotára como pátria, lhe agradecem o muito que fez em prol da ciência no Brasil”.

Relembrando, embora modestamente, o nome venerando dêsse grande zoólogo, no instante em que se comemora o primeiro centenário do seu nascimento, a direção do “Boletim do Instituto Paulista de Oceanografia”, deseja pôr em relêvo a gratidão que a pátria brasileira testemunha a êsse incomparável cultor da História Natural, reafirmando, assim, aquêlê conceito de Diderot: “A imortalidade é uma espécie de vida que se adquire na memória dos homens”.